

O BATISMO POPULAR DAS RUAS

Cristine Gentil
Da equipe do Correio

Batizadas como códigos secretos, as ruas de Brasília começam a ganhar nomes. Uma igrejinha aqui, um amontoado de farmácias ali, 24 elétricas lá. Elementos urbanos que induzem à vontade quase irresistível de transformar combinações de letras e números em ruas com identidade própria.

E assim surgiram a Rua dos Restaurantes (SCLS 404/405), Rua das Noivas (SCLN 304/305), Rua das Farmácias (SCLS 102/302), Rua do Automóvel (SIA trecho 1), Rua das Elétricas (SCLS 109/110), Rua da Igrejinha (SCLS 107/108), Rua dos Tecidos (SCLS 306/307). Esses são alguns dos exemplos cujos codinomes já se incorporaram ao cotidiano da cidade. Endereços que estão nas correspondências e na memória da população. "Chegam cartas até de outros estados para esses endereços, principalmente a Rua da Igrejinha, que existe há muito tempo. Tem também outras como a rua do Hospital de Base ou das Pioneiras Sociais", exemplifica um dos supervisores de Distribuição dos Correios, José Carlos da Silva. "O carteiro não tem dificuldade nenhuma em achar esses endereços. A gente se habita ao costume do povo", diz.

Antes organizadas apenas por uma lógica matemática — de pares e ímpares, do menor para maior —, essas ruas obedecem também um outro código. Ganharam esses nomes pela quantidade de negócios idênticos agrupados no mesmo espaço. Essa é uma tendência da qual Brasília não fugiu, apesar de suas peculiaridades.

"Os comércios das quadras nasceram para atender às primeiras necessidades, mas eles são muito grandes. À medida em que foram crescendo, foram também se especializando. É o que se chama de 'economia de aglomeração'. Se a pessoa tiver dúvida em que loja deve ir, basta a uma rua com várias delas, que oferecem o mesmo tipo de mercadoria, e escolher", explica o secretário de Obras, Phellipe Torelly, ex-presidente do Instituto de Planejamento Territorial e Urbano do DF (IPDF).

Foi pensando nisso que as concessionárias criaram a Rua do Automóvel, o trecho 1 do Setor de Indústrias e Abastecimento (SIA). Nascida de uma jogada de marketing há dois anos, a rua hoje é uma realidade. São 19 concessionárias que representam todas as marcas nacionais de veículos e as estrangeiras mais importantes.

"A ideia era fazer com que os clientes soubessem dessa concentração de lojas num único setor. Ideiamos um shopping de carros", explica o diretor comercial da Brasal, Hélio Rodrigues Aveiro, um dos que transformaram a intenção em realidade. O objetivo é atrair clientela e proporcionar mais conforto aos clientes. A partir daí, os anúncios ajudam a fixar a marca na cabeça das pessoas. "Fazemos também feirões e eventos que mostrem aos clientes que eles têm opção de escolha aqui", continua Hélio.

NATURALMENTE

Diferente dessa iniciativa, outras ruas ganharam nomes próprios naturalmente. Começou pela Rua da Igrejinha a tradição de batizar as quadras comerciais do Plano Piloto. Primeiro templo católico a ser construído no Plano Piloto, a pequena Igreja de Nossa Senhora de Fátima fica na 307/308 Sul. Dali para baixo, passando pelas comerciais 107/108 Sul, tudo é Rua da Igrejinha. É assim há 30 anos desde que a igreja foi construída como pagamento de uma promessa da então primeira-dama Sarah Kubitschek.

Enquanto era erguida, nasciam também os prédios comerciais da quadra. Um deles abrigaria o ponto mais famoso e mais tradicional da Rua da Igrejinha: a pizzaria Dom Bosco. O proprietário da pizzaria, Enildo Veríssimo Gomes, 53 anos, um dos primeiros comerciantes a se instalar na 107 Sul, faz um balanço da rua famosa. "Nesse tempo todo, tudo mudou. O comércio, a cidade, a população. A única coisa que continua igual é a massa da nossa pizza", brinca Enildo. "E o nome da rua", completa. Nas correspondências que ele recebe, é comum ter como endereço a Rua da Igrejinha. "Quando fala que é rua da Igrejinha, todo mundo já sabe onde é", garante.

Fotos: Zuleika de Souza



Patrícia e Gisele vestem modelos da Requinte Noivas, uma das lojas especializadas da 304/305 Norte em recepções e roupas para casamento: endereço informal já foi incorporado ao cotidiano

URBANIDADE



RUA DOS RESTAURANTES

Flamazion (Ichihan), Patrick Klein (Haus Monique), Rosângela (Rainha do Mar) e Tarcísio (Le Nouveau Chelet): cardápio variado de culturas diferentes postas à mesa



RUA DAS ELÉTRICAS

Flávio Moisés, da Elétrica Flamar, não se acostuma com o movimento incessante da rua e reclama da falta de estacionamento, mas acha saudável a concorrência concentrada

TRADIÇÃO GASTRONÔMICA

Tempo baiano, quitutes árabes, culinária japonesa. Pizzas de qualidade, bacalhau de primeira, estilo francês, comida à moda alemã, pratos mexicanos. Diante da dúvida sobre o que comer, a melhor opção é a Rua dos Restaurantes. Lá, o cliente tem a opção de escolher praticamente tudo o que a gastronomia pode oferecer.

A quadra tem a maior concentração de restaurantes de Brasília é a 404/405 Sul. Uma tradição que começou num lote de esquina e que se espalhou pelo resto da quadra. No início, era Rua do Fritz, restaurante que leva o mesmo nome do dono austríaco que escolheu por acaso o local para começar seu negócio. "Só existia um restaurante na época. Esse era um prédio novo e se apresentava nas melhores condições para o meu negócio", explica Fritz Klinger.

Isso foi há 18 anos. Com o sucesso do Fritz no decorrer dos anos, outros comerciantes começaram a ver a quadra como um oásis, receita de sucesso para quem queria se aventurar no ramo. Para a gerente do restaurante Mouraria, Gerliza Leonardo dos Santos, uma casa portuguesa, essa tradição da rua dos restaurantes corre o risco de se perder em breve. "Falta divulgação da rua. Deveria ser mais badalada. Está se tornando uma quadra como as outras, com muitas lojas que não são restaurantes", lamenta.

A opinião dela, porém, não é unanimidade. Fritz acredita que na maioria das vezes os restaurantes vazios são reflexo da falta de dinheiro dos clientes. "O número de restaurantes na cidade quadruplicou e o consumidor antes ganhava melhor", observa.

Que o diga a moradora da Santa Maria, Janete Brandão Ferreira, 34 anos. De onde ela veio, todas as ruas têm nome. Em Tocantins, ela morava na avenida Nossa Senhora de Fátima, mesmo nome da igrejinha que deu origem ao apelido da 107/108 Sul, onde Janete passa todas as suas tardes. "É um coincidência grande."

A Rua da Igrejinha é como se fosse o segundo lar de Janete. Enquanto

os minutos da tarde se arrastam, ela espera sentada no banco da igreja ou circulando pela quadra o filho, que é deficiente auditivo, sair da escola da 108 Sul para retornarem ao endereço sem nome da família em Santa Maria.

REFERÊNCIA

Também endereço fácil é a Rua das Farmácias, a 102/302 Sul. "As pes-

soas procuram sempre pela rua porque aqui tem muita opção. Quando não acha numa farmácia, procura na outra", explica o sub-gerente da farmácia Unicam, Edilson Alves. "Até para dar o endereço aos fornecedores, só digo Rua das Farmácias", confirma a comerciante Relmina Souza Dantas, dona de um salão de beleza e de uma loja de cosméticos na rua. Para ela, além de ser uma referência na

cidade, a rua das farmácias é uma oportunidade de negócios.

Quando tinha uma loja na 303 Sul, Relmina "ficava de olho no jornal". "Esperava uma oportunidade para alugar uma loja aqui", conta. Há oito anos, ela conseguiu o sonhado espaço. "A rua é ótima. Não falta movimento", declara Relmina.

A proximidade do Hospital de Base e do Sarah Kubitschek também ajuda

a fazer de locais um point não só de farmácias, mas de restaurantes. Há mais de dez anos, o JR Galetes permanece 24 horas aberto na 302 Sul. "O pessoal às vezes vem na farmácia de madrugada e acaba entrando no restaurante", diz a funcionária Cláudia de Araújo. "Às vezes as pessoas perguntam: 'fica perto de quê?'. Basta a gente dizer que é na Rua das Farmácias que todo mundo sabe", garante.

CASAMENTO DE INTERESSES

"Aqui é diferente de tudo que já vi. Até agora não me acostumei." A sensação de surpresa do gaúcho Marco Antônio do Amaral já dura seis meses. Tempo em que ele deixou para trás a vida numa cidade de ruas com nomes para se aventurar em Brasília, terra de códigos difícil de entender à primeira vista.

Mas o desconforto das letrinhas e números começa a ser deixado para trás. Na 304/305 Norte, ele encontrou o lugar que precisava para desenvolver seu trabalho. Nenhum lugar seria melhor do que a Rua das Noivas para ele mostrar o que sabe fazer com trompete, teclados e outros instrumentos que embalam casamentos e festas de formaturas. Há um mês, aos sábados, ele monta a parafernalia eletrônica trazida do Sul para divulgar aos noivos — que ali buscam os apetrechos para o casório — os anos de aprendizado como músico profissional.

A pernambucana Terezinha Pereira ajudou a consolidar a Rua das Noivas. Ela foi a pioneira na quadra. "Há 15 anos, montei a Brasília Noivas, primeira loja de aluguel de roupas de Brasília e a primeira de noivas nessa quadra. Aos poucos foram chegando as outras lojas e depois de quatro anos da inauguração da primeira, já era a Rua das Noivas", lembra a comerciante que desde os 15 anos faz vestidos de noivas, do desenho à modelagem.

Hoje, ela acredita que o negócio deixou de ser promissor. Para aquecer o comércio local, os donos de loja planejam fechar a rua para um desfile no mês de maio, data de muitos casamentos.

CHOQUE DE MODERNIDADE

A rua que já foi só do Beirute, hoje é das elétricas. Elas são maioria no comércio da 109/110 Sul. O bar de cearense que vende comida árabe continua sendo a referência da quadra, mas hoje divide o reinado com as elétricas instaladas no local.

No dia 1º de abril de 1970, nascia na quadra a elétrica Moisés, a terceira loja do ramo na quadra. A partir daí, uma foi puxando outra. "Foram chegando aos poucos, mas já nos anos 70, a rua ficou conhecida como rua das elétricas", lembra o proprietário Chaiben Moisés, paulista que veio de Itumbiara-GO tentar a vida na capital. Para ele, a cidade sem esquinas e calçadas com ruas sem nome foi uma surpresa. Já o filho Flávio Moisés, dono da elétrica Flamar, na mesma quadra, não teve esse problema. Seguiu sem surpresa o mesmo destino do pai.

"No interior de Goiás, tinha um comércio no fundo da casa. De lá, pedia um cafézinho para minha mulher. Aqui, morava num barraco sem luz no Setor de Indústria (SIA) e levava dez minutos andando só para pegar o ônibus. Foi difícil acostumar com a cidade tão diferente", lembra.

Passados quase trinta anos, hoje é difícil habituar-se a uma rua com movimento incessante durante todo o dia. "Antes, era uma quadra tranquila. Hoje para atravessar a rua é preciso ter um sinal de trânsito", compara. Mas ele não reclama na concorrência com outras elétricas. "Quando o cliente não acha em uma loja, encontra na outra", diz.

O único problema que ele aponta é o mesmo das outras quadras comerciais: a falta de estacionamento.